

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 56

Data: 18 de fevereiro de 1989

Pg.: \_\_\_\_\_

# Segurança é preocupação em Altamira

A dois dias da abertura do 1º encontro dos povos Indígenas do Xingu, a se realizar em Altamira, as autoridades policiais da cidade estão preocupadas com a falta de infra-estrutura policial que garanta a segurança e a integridade de todos os participantes do encontro. Centenas de pessoas, inclusive personalidades vindas do exterior, já estão na cidade. O clima é de tranquilidade, mas o delegado Carlos Araújo manifestou-se preocupado: "Vamos rezar para não acontecer nada de grave", disse ele.

Contando com um efetivo policial de apenas 20 soldados, o delegado estima que, para garantir a ordem e a tranquilidade do evento, seriam necessários pelo menos mais 50 policiais. Ontem, o delegado entrou em contato com a coordenadora de Polícia Civil em Belém e com a De-

legacia Regional de Polícia de Santarém solicitando instruções sobre como proceder. O delegado aguarda reforço policial do 3º Batalhão de Polícia Militar de Santarém e da Polícia Civil de Belém.

Situada na região Sul do Pará, Altamira é tida por muitos como uma cidade violenta devido a ocorrência de conflitos fundiários. Mas, esse fator, para o delegado Carlos Araújo, não deve influenciar na realização do encontro. "Tenho a impressão que o pessoal não veio para agredir. Veio para tratar de assuntos sérios", disse o delegado. "Portanto, não há o que temer com problemas de arruaças".

### Encontro

O encontro das nações indígenas começa no dia 20 e vai até o dia 25 deste. Ele objetiva chamar a atenção de todo o mun-

do para a urgência da preservação da Amazônia, contra o desmatamento e contra os grandes projetos que afetam desfavoravelmente os ecossistemas tropicais e os povos nativos, que dependem da diversidade natural da Amazônia para a sua sobrevivência.

Altamira situa-se a aproximadamente 461 km a sudoeste de Belém. Esta cidade foi escolhida como sede do encontro, por ser o centro proposto de um enorme projeto hidrelétrico no rio Xingu — a hidrelétrica de Kararaô —, que custaria aproximadamente 10,6 bilhões de dólares e inundará mais de 7 milhões de hectares do território Amazônico de imensa riqueza ecológica e cultural, forçando onze nações indígenas diferentes a abdicarem de suas terras tradicionais, nas quais habitam há milhares de anos.

## Empresários dizem 'sim' à Kararaô

Movimento Pró-Kararaô (Moprok): um movimento autenticamente regional. Esta foi a definição dada pelos empresários de Altamira para a comissão criada por eles para defender a construção da usina hidrelétrica de Kararaô. Os empresários alegam que a construção da usina será necessária para o desenvolvimento da região e que isto pode ser feito sem agredir o meio ambiente.

Lojas maçônicas, Rotary Internacional, Lions Clube, cooperativas, Clube de Diretores Lojistas (CDL) e a Associação Comercial e Agropastoril de Altamira são algumas das entidades que fazem parte desse movimento. Segundo Luiz Bossato, presidente da Associação Comercial, "a comissão foi criada para lutar pela instalação imediata da usina, pois sua constru-

ção só trará lucros para o Brasil, que sofre com a falta de energia elétrica". Ele disse ainda que o movimento pretende "evitar os erros e atropelos de Tucuruí e repetir os acertos de Itaituba, que ajudaram enormemente a região". Para Luiz Bossato, o projeto da usina obedecerá à justiça social e deslocará populações indígenas e ribeirinhas para outros locais.

Os defensores da hidrelétrica dizem ainda que, com a usina de Kararaô, o município de Altamira será altamente beneficiado no sentido de saneamento básico, melhorias nas áreas de educação e saúde, ofertas de emprego e desenvolvimento nas atividades agropastoris e industriais. "Os problemas virão, mas é preferível tê-los e enfrentá-los do que permanecer no subdesenvolvimento atual", argumentou

Luiz Bossato. Para a comissão, o boicote planejado pelas entidades indígenas e ecológicas contra a usina não tem fundamento, "pois todo o povo sabe que precisamos de energia".

Na opinião de Luiz Bossato, "interesses escusos estão por trás desse boicote, pois já quiseram até negociar a nossa floresta Amazônica". A comissão acha que a usina de Kararaô trará desenvolvimento para todo o país e que o povo brasileiro deve lutar por tal empreendimento. "Entendemos que a Amazônia é nossa e é brasileira, por isso cabe ao povo brasileiro decidir sobre o que será melhor para nós", disse Luiz Bossato. Segundo o presidente, o Moprok está disposto a receber ajuda. "venha ela de onde vier. Sabemos ainda que virão impactos, mas nós lutaremos".